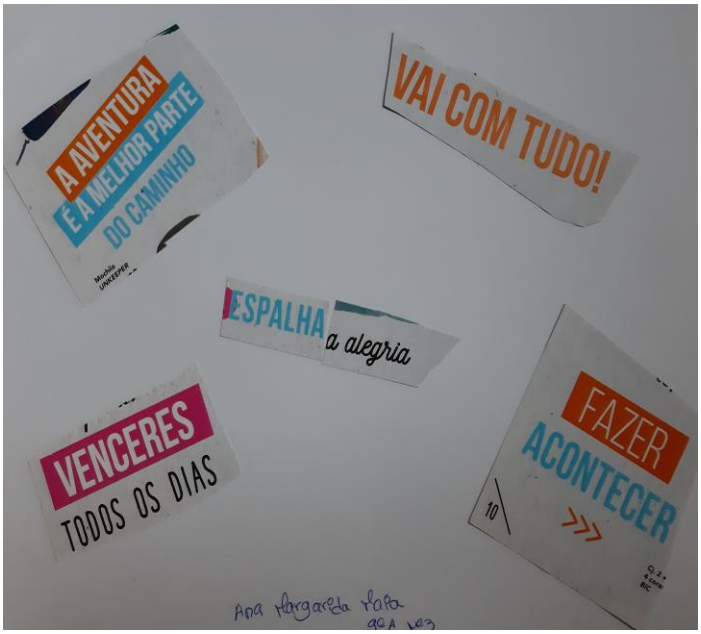
ESCOLA NÓMADA



Cientes da dificuldade de traduzir a experiência de uma jornada de três anos letivos, resolvemos apresentar aquilo que foi o projecto de continuidade "Escola Nómada" (EN) a partir das palavras de Kevin Teixeira, aluno do 7º, 8º e 9ºA da Escola Pintor de Almada Negreiros (e concomitantemente da EN):

"3 anos passaram num ápice, ficaram memórias fundidas (…). *Hoje, olho para aquele imenso painel fotográfico exposto no ginásio e lembro-me de uma das melhores DT`S de sempre, lembro-me de 6 almas carinhosas, pacientes… que tanto contribuíram para a nossa felicidade e diversão. O 7º ano foi, na minha opinião, o melhor ano Nómada, pois era algo diferente que só a nossa turma tinha, algo novo e reconfortante. Recordo as visitas, que pensava e tomava como "chatas" e que, contrariamente, se revelaram divertidas* (…). *O tema do racismo marcou-me profundamente, levo comigo tanta coisa … a peça de teatro* [a miniconferência no Lu.Ca]*; aquela apresentação final* [a performance final apresentada à comunidade escolar no final do ano lectivo 2018-2019]*… . A "Escola Nómada" em 3 palavras? Igualdade, respeito e diversão. Foi, sem dúvida, uma lição de vida em 3 anos. Os nomes Sandra; Maria José; Vanda; Judite; Hugo e Jeff ficaram marcados em mim. Sei que são nomes comuns, mas logo que os ouça lembrar-me-ei da importância que tiveram na minha vida (pois não foram apenas visitas e passeios bonitos) e do quanto contribuíram para a minha vida futura (e presente). Vão ficar SAUDADES!"*

O Kevin tem aqui um duplo papel, na feição individual – pois é (tão-só) um eco dentre os cerca de 30 alunos que experienciaram este projecto (com permanências temporais diferenciadas, importa esclarecer - pois cerca de 15 alunos fizeram parte do "núcleo duro", por assim dizer e correspondem àqueles que integraram a EN aquando do 7º A, sendo que os outros 15 alunos - que se dividem sensivelmente em 50% + 50% - dizem respeito àqueles que vieram a integrar a turma, depois, no 8º e 9º ano) – e na feição colectiva, remetendo e apontando para o centro. Centralidade que, indubitavelmente, pertence aos ALUNOS. Estes projectos criativo-artísticos de continuidade fazem-se para eles (e com eles). Se é fácil? Não. Se é trabalhoso? Sim. Se é compensador? Sim (muito). Na oralidade, nos abraços finais (e, até, nas entrelinhas), muitos outros ecos nos chegaram… uns condicentes com o do Kevin, outros colocaram a tónica no "atravessamento de identidades", problemática que a EN adoptou este ano lectivo (2020-2021). E só aí é quase uma estória dentro da estória, pois a necessidade de reflexão sobre essa problemática foi intuída pela Equipa Nómada no decurso do ano II da EN (que ajuizou a continuidade da pertinência da temática do racismo e, *lato sensu*, da não discriminação e seguiu nessa senda) - com os alunos no 8º ano. O "grito de socorro" (silencioso) foi ouvido e foi (obviamente) atendido. O arquétipo social/cultural binário de género e de respectiva "arrumação ideal" de orientação sexual não podia continuar a espartilhar e causar sofrimento aos nossos jovens. Guinámos então para essa problemática, e esteticamente elegeu-se fazer essa (nova) introdução narrativa com os movimentos rígidos *vs.* movimentos fluídos – a expressão corporal e a expressão plástica começaram logo a servir

esse propósito, que foi robustecido com a (nova) parceria - o Museu da Água (que nos ofereceu esse aporte simbólico que o elemento água traduz). Talvez, entretanto, estejam a ser assaltados pela pergunta "Intuição, em que medida?" Não nos referimos (obviamente) à fenomenologia da mediunidade nem a nada de metafísico, tão-somente àquela "intuição" que só é possível quando os alunos deixam de ser números/estatísticas/resultados escolares e ganham identidade própria – são o Kevin; a Marisa; o David; a Graça; os Danieis; a Ana Margarida; os Marcos; a Érica; o António; a Jennifer… são pessoas/vidas que têm entre 15 a 18 anos de idade. E nesse pequeno universo estatístico está um imenso universo psicossocial – estão sonhos; anseios; traumas (está muito mais do que pudemos imaginar). E esse universo não raras vezes assume uma máscara de auto-suficiência/arrogância; agressividade; indiferença, etc. por que a tirania do dito diapasão da Felicidade a isso parece obrigar. Pelo que depressa começamos a esquissar as ditas sessões Nómadas "iceberg" (alunos/mediadores/artistas/professores foram convidados a trazerem uma fotografia, em que constassem na opção sozinho ou acompanhados, para afixar no painel de cortiça) – que visaram, com recurso ao instrumento fotografia (que alguns trouxeram), despertar e chamar a atenção para a (imensa) vastidão daquilo que não se consegue perscrutar só com o olhar – pois está fora do alcance tangível da fotografia (é o intangível: os sentimentos, o espaço-tempo, os significados associados)!

Temos vindo a tentar responder às questões "Que espaços?", múltiplos conforme têm vindo a perceber: a sala de aula, o *Campus* Nómada (um espaço charneira escola-casa) no *underground* do ginásio, o próprio ginásio, o jardim de proximidade da escola, as nossas casas (que neste ano pandémico também se e-abriram aos alunos), e a cidade (nos seus múltiplos equipamentos, museus, teatros, etc.). "Que objectos?" Tantos, e tão diversos." Que literacias?" Muitas, também (com um denominador comum, o respeito pelo outro).

Mas para vos trazer o âmago deste projecto temos de ir ao encontro de Allan Poe, nomeadamente quando este afirmou que "não se pode ser realmente corajoso se se temer ser cobarde". E talvez seja, precisamente, a imagem do arame de trapezista a que melhor traduz o nosso entendimento daquilo que é a chave do sucesso para este tipo de projectos. A metáfora talvez não seja imediatamente apreendida, mas convidamos a que pensem nos professores (que aderem a estes projectos); artistas e mediadores culturais, em estreita articulação, como pessoas (actores sociais, se preferirem) que estão predispostas a atravessar o débil arame; mas, para isso, assumem (em uníssono) a fragilidade desse mesmo arame, sabendo que a travessia não se faz com uma corrida rápida, e nem está isenta de perigosidade. E a beleza, afinal, está nesse *step by step* (assim foi com a "Escola Nómada). É, aliás, em primeira instância a aceitação dessa (aparente) fragilidade que concorre para o nobre processo de transmutação (quase alquímico) – que é ganho quando, depois, olhamos para trás.

Diríamos que foi com essa premissa em mente que artistas e mediadoras dinamizaram uma sessão absolutamente impactante – (assumidamente) vestidos fora do tal padrão indumentário "dito normal/tradicional" numa espécie de cenografia que (antecipava) a reflexão sobre as fronteiras de género. Um jogo em que se foi (des)construindo uma teia de significados, e que culminou com a desafiante reflexão, somos o que vestimos? (leia-se consumimos, no sentido amplo da adopção de determinado(s) estilo(s) de vida: a escolha de roupa; alimentação; música; etc.), ou vestimos o que somos? A identidade enquanto *constructo* social conduziu-nos também à sétima arte, em sala de aula visualizou-se a longa-metragem de Daniel Ribeiro "Hoje, eu quero voltar sozinho" (2014) e, de seguida, mediou-se um debate (de dúvidas e emoções)! Fomentou-se o diálogo, instigou-se a curiosidade e o sentido crítico-analítico, derrubaram-se preconceitos, abriram-se horizontes e construíram-se pontes de entendimento do Outro. Com total convicção podemos afirmar que ampliamos respeito e reconfiguramos perspectivas.

Reiteramos o que foi dito acima. Se é fácil? Não, exige paciência, empatia e a dose certa de firmeza e flexibilidade. Se é trabalhoso? Sim (muito), um alinhamento constante para a melhoria contínua com enfoque nas boas práticas educativo-artísticas, e uma apurada capacidade de escuta activa – instrumento que possibilita a apreensão da parte visível (e invisível) do iceberg que cada um de nós tende a ser. Se é compensador? Sim (muito), e firmes no propósito de não arrolar jargão conceptual encerramos com a mesma simplicidade com que iniciámos (Einstein dizia, até, que quem não consegue explicar com simplicidade é porque ainda não percebeu). Ou seja, convocamos (novamente) o eco de mais alguns alunos (pese 3 anos, quase 30 alunos e cerca de meia centena de sessões não nos facilitar a vida. Sintetizar este longo lastro e escolher só alguns exemplos não é, decididamente, fácil) – optando por sublinhar (admitindo a subjectividade do critério) o que mais ressoou nas mediadoras. Uma aluna que no último abraço agradeceu o facto de lhe termos ensinado a gostar dela! Outra aluna que nos confessou que graças à EN conseguiu ganhar coragem para assumir a sua orientação sexual (e falar com a família); as palavras, quase inaudíveis, de um aluno que paulatinamente foi revelando apreço/gratidão pela forma como a EN contrariou o ciclo de exclusão/repressão a que estava votado "ajudou-me muito na integração/aceitação na turma"!